

# A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO DISCURSO LITERÁRIO: A PARATOPIA NUMA PERSPECTIVA DE INTERFACE

## THE MEANINGS CONSTRUCTION IN DISCOURSE LITERARY: PARATOPIA IN AN INTERFACE PERSPECTIVE

Érica Patricia Barros de Assunção  
João Benvindo de Moura  
UFPI

**Resumo:** A construção de sentidos é a principal prerrogativa da Análise do Discurso. A Análise do Discurso Literário (ADL), por sua vez, propõe-se, no âmbito da linguagem, à aplicação de adequadas ferramentas discursivas ao texto literário para possibilitar uma assimilação ampliada dos sentidos emanados de produções inseridas na área da literatura. Esta pesquisa almeja analisar o fenômeno da paratopia, entendido como o lugar e o não lugar ao qual pertence o texto literário, observando como as relações paratópicas são caracterizadas no discurso literário da autora Virginia Woolf em *Um teto todo seu*, obra que apresenta uma narrativa ficcional a respeito de como teria sido a vida de Judith, a irmã de Shakespeare. Tratando-se de um estudo de natureza qualitativa e interpretativa, buscamos fundamentação nas contribuições teóricas de Maingueneau, Galinari e Mello, dentre outros. Os resultados apontam para uma relação paratópica de identidade social veiculada por representações femininas que revelam a interface entre a condição social e intelectual marginalizada da escritora e uma relação paratópica temporal por meio de aspectos discursivos da obra que definem Woolf como uma mulher singular, à frente de seu tempo.

**Palavras-chave:** Paratopia; Discurso Literário; Mulher e literatura.

**Abstract:** The meanings construction is the main prerogative of Discourse Analysis. The Literary Discourse Analysis (ADL), in turn, is intended, in the scope of the language, to apply appropriated discursive tools to the literary text, so allowing an amplified assimilation of the meanings emanated from the production inserted in the literature area. This research aims to analyze the phenomenon of paratopia that is understood as the place and non-place to which the literary text belongs, observing how paratopic relationships are characterized in Virginia Woolf's literary discourse in the Portuguese version titled *Um teto todo seu*, a work that presents a fictional narrative about how Judith's life, the Shakespeare's sister, would have been like. As a qualitative and interpretative study, we seek to base the theoretical contributions of Maingueneau, Galinari and Mello, among others. The results point to a paratopic relation of social identity conveyed by feminine representations that show the interface between the social and intellectual marginalized condition of the writer and a temporal paratopic relation through discursive aspects of the work that define Woolf as a singular woman ahead of her time.

**Key-words:** Paratopia; Literary Discourse; Woman and literature.

*Vão me condenar sem piedade  
por ser eu uma mulher que só oferece paradoxos,  
e não problemas fáceis de resolver.  
(Olympe de Gouges)*

## INTRODUÇÃO

A Análise do Discurso Literário propõe-se, no âmbito da linguagem, a possibilitar uma assimilação da produção literária através de ferramentas discursivas. Um dos fenômenos que nasce dessa imbricação é a paratopia, caracterizada pela localização indefinida, paradoxal e fronteira entre “um lugar” e “um não lugar” que ocupa o autor, levando-o a se posicionar e interferir em tal condição a partir de suas produções discursivas literárias. Nada mais instigante que observar essa interface entre literatura e linguística na obra da escritora inglesa Adeline Virginia Woolf, conhecida como uma das mais proeminentes figuras do modernismo.

No início do século XX, precisamente em 1928, Virginia proferiu duas palestras que tratavam da importância de uma iminente independência profissional da mulher, perpassando, dessa forma, as questões em torno da condição social feminina da época. Posteriormente, em 1929, essas palestras foram reunidas na publicação de um romance intitulado *A room of one's own* cuja tradução *Um teto todo seu* foi publicada no Brasil em 1985.

Nesse ensaio, a escritora pôde estruturar um discurso que deu força aos principais movimentos feministas da segunda metade do século XX. Esse discurso de caráter feminista serviu e ainda serve de inspiração para debates sobre as demandas da área, ganhando respaldo e legitimação ao considerarmos que o mesmo parte de uma enunciativa que aborda abertamente, de forma argumentativa e criativa, polêmicas e inquietações acerca da condição social, profissional, mas, principalmente, intelectual do seu próprio gênero, refletindo, assim, a sua própria condição.

Contemplando tal contexto, ressaltamos que o discurso é compreendido como lugar de origem dos sentidos da obra literária, sendo que esse discurso literário constituinte sólido é estruturado com regras próprias específicas de um determinado campo discursivo, a saber, o campo literário, na acepção de Maingueneau (2009). O discurso literário está inserido em um espaço social e age sobre este através da participação nos conflitos existentes nesse meio, evocando, deste modo, análises. O autor, por sua vez, possui um papel importante na difusão de valores e agentes sociais, pois molda um posicionamento discursivo.

Nesse sentido, o discurso literário detém-se, dentre outros aspectos, no estudo do espaço social ocupado pelo autor, caracterizado pela posição paradoxal entre um “lugar” e um “não lugar”. Esse espaço é refletido por diferentes perspectivas na obra literária a partir da análise do discurso que dela emana, considerando, assim, a posição social do autor que não possui um lugar definido. Claramente, a produção de discursos inseridos na obra não pode ser totalmente desassociada de um posicionamento estilístico e ideológico, o que permite ao autor a interferência nas condições estabelecidas para a criação literária como forma de assegurar o alcance dos objetivos de sua atividade criadora.

Baseando-se nesses pressupostos, este trabalho tem como objetivo analisar o discurso literário de Virginia Woolf em *Um teto todo seu* (1985), buscando investigar como se dão as relações paratópicas que o autor estabelece com sua obra, bem como caracterizá-las e classificá-las conforme os aportes teóricos basilares selecionados para este estudo de natureza qualitativa e interpretativa.

Através das produções discursivas literárias da autora, podemos identificar as relações paradoxais estruturadas a partir de uma breve narrativa ficcional a respeito de como teria sido a vida de Judith, a irmã Shakespeare. Virginia Woolf tece uma relação paratópica de identidade social, veiculada por representações femininas que traduzem a sua própria condição social e intelectual marginalizada, assim como uma relação paratópica temporal, que é estruturada por meio de aspectos discursivos da obra que a posicionam como uma mulher à frente de seu tempo.

## **1 O DISCURSO LITERÁRIO**

A análise do Discurso Literário é uma linha ramificada da Análise do Discurso (AD) que, no âmbito da linguagem, possui ferramentas adequadas para possibilitar uma melhor assimilação da produção literária. A linguagem literária, como forma supostamente livre de expressão, não está sujeita às estruturas linguísticas da língua; sendo criação artística, exerce poder, representação e significado que são observados pela Análise do Discurso Literário no intuito de alargar a visão sobre os textos literários. O histórico do percurso guiado pelos avanços teóricos na área da AD resulta em contribuições para o desenvolvimento dos estudos das relações entre discurso e literatura.

Atento às polêmicas atuais com relação à estruturação dessa recente ramificação da AD, Mello (2005) alerta para o fato de que, à primeira vista, pode haver contestações contra a proposição de relacionar as teorias da AD à literatura, mas, em contraponto, a primeira oferece

pontos de vista que possibilitam explorar e entender de forma esclarecedora a obra literária a partir de ferramentas discursivas.

Em recente publicação (ASSUNÇÃO & MOURA, 2015), afirmamos que a análise do discurso literário é realizada com base em critérios amplos, já que há muitos outros fatores envolvidos ligados ao campo literário. Isso inclui o reconhecimento da existência de uma função estética que se traduz numa linguagem poética, ou seja, aspectos que corroboram para a inscrição de tais enunciados em uma instituição literária. Isso nos leva a crer que tais enunciados indicam posicionamentos estruturados em determinados contextos, mas que se realiza e clama por legitimidade na e pela sua própria base discursiva.

Maingueneau (2006) enfatiza que o discurso literário não busca seu próprio fundamento, pois não tem intenção de refletir sobre suas bases fundadoras; entretanto, a narrativa do discurso literário é considerada um elemento pelo qual se estabelece a legitimação da cena de enunciação, ou seja, a literatura estabelece seu significado na forma do seu conteúdo como forma de constituição.

Assim, o discurso literário, como discurso constituinte, na acepção de Maingueneau (2006), possui sua própria fonte legitimadora. Para isso, consideramos a constituição como processo pelo qual o discurso estabelece sua legitimidade e estabelece sua organização estrutural como texto. O texto literário é responsável pelas condições que levarão a sua legitimidade através da gama universal de sentidos emanados por ele, pois “designa fundamentalmente os discursos que se propõem como discursos de origem, validados por uma cena de enunciação que autoriza a si mesma”. (MAINGUENEAU, 2006, p. 60)

O posicionamento do produtor do discurso que representa a relação entre sociedade e texto e a impossibilidade de discursos puros implica afirmar que o discurso literário interage com outros gêneros do discurso e isso não envolve só o autor literário, mas um leque de fatores sociodiscursivos, sendo que o posicionamento vai indicar a função do determinado discurso constituinte:

O discurso literário inclui inúmeros escritores que pretendem agir fora de todo pertencimento; mas uma das características desse tipo de discurso é suscitar a pretensão: os escritores têm por pares os eremitas que se afastam do mundo ou os filósofos solitários. Os “solitários” podem sem dúvida afastar-se das cidades, mas não sair do espaço que seu estatuto lhes confere com base no qual propõem seus atos simbólicos. A análise de discursos constituintes não se reduz ao estudo de grandes textos (...) ou de alguns gêneros de textos privilegiados (...); seu objeto é uma produção discursiva fundamentalmente heterogênea. (MAINGUENEAU, 2006, p. 89)

Diante disso, a nossa pesquisa se aterá aos aspectos do discurso literário que estão relacionados a Virginia Woolf que, por sua vez, encontra-se dividida entre a configuração de sua ocupação e o deslocamento do mundo, demonstrando uma necessidade de avocar a solidão e mantendo um elo com o real que a cerca em seu estágio de produção criativa. Esse estágio envolve distanciamento e, ao mesmo tempo, aproximação marcantes na atividade enunciativa e caracterizam a paratopia, fenômeno no qual focaremos na próxima sessão.

## 2 O FENÔMENO DA PARATOPIA

Segundo Galinari (2005), o autor é aquele que “*responde por* ou *se apropria de*”, o “responsável pela enunciação” numa dada circunstância, aquele que detém e transmite os significados, que se encontra numa condição “parasitária” e “para-literária” em que se dedica à arte criativa da escrita, ativando o contrato de comunicação aceito através da leitura e reivindicando para si a autoria.

Continuando a discussão, Maingueneau (2006) propõe, considerando a subjetivação do discurso literário, a distinção entre três instâncias: a *pessoa*, que é o indivíduo que possui um estado civil; o *escritor*, que é o ator que estabelece uma trajetória dentro da instituição literária; e o *inscritor*, que é o sujeito da enunciação, é o enunciador que confere sentido aos termos consolidados através das cenas genéricas. Apesar dessa distinção, essas três instâncias não podem ser dissociadas umas das outras; cada uma delas perpassa as outras, elas sustentam-se umas as outras, estando o criador no centro.

Com base nessas distinções que atribuem ao autor um papel social importante, moldando seu posicionamento discursivo, observamos a condição espacial estabelecida para a criação literária, dentro dos estudos na área do discurso literário, caracterizada por aspectos que representam um “lugar” não determinado entre os perímetros da produção literária, ficando o autor em localização intermediária que acarreta uma “deslocalização”, por conta do distanciamento, necessária para que se realize tal processo. (MAINGUENEAU, 2001, p. 28)

A questão é tratada a partir da perspectiva da atividade da produção literária que exige o isolamento social do autor, ficando este sem um lugar definido. Assim, de acordo com Assunção & Moura (2017), a produção de discursos do autor inseridos em sua obra não pode ser totalmente desassociada de um posicionamento estilístico e ideológico. Tal produção sugere identificação com os elementos “marginalizados” socialmente e com o espaço dado aos mesmos.

O autor passa, assim, a “existir” e possuir um espaço discursivo atuando de forma intencional e veiculadora sobre uma dada realidade.

Segundo Maingueneau (2001), o discurso literário enfrenta uma existência problemática, pois não está situado nem dentro nem fora do campo social. Sua constituição é realizada através da impossibilidade de autocriação de um “espaço”; há um lugar, mas não está definido. Isso baseia o conceito de paratopia que é a “localização paradoxal” que se sustenta numa “negociação difícil entre o lugar e o não lugar”.

Nessa concepção, a paratopia encontra sua existência no âmbito da criação artística, pois o que a sustenta é a posição indefinida do sujeito, que como escritor está inserido em um determinado campo literário e como sujeito está inserido em uma sociedade. Para Pery-Borissov (2014), é a paratopia criadora que subordina toda a existência de uma pessoa à sua criação. Ao pertencer aos dois lugares, o escritor encontra-se em “lugar indefinido” e, simultaneamente, não pode se desvencilhar da sua condição ambígua na produção de seus discursos. Desta forma, a paratopia se consolida através da criação literária do autor; ela é a condição e produto do processo de criação artística do escritor, como afirma Maingueneau, 2006, p. 119:

A paratopia do escritor, na qualidade de condição da enunciação, também é seu produto; é por meio da paratopia que a obra pode vir à existência, mas é também essa paratopia que a obra deve construir em seu próprio desenvolvimento. Na qualidade de enunciação profundamente ameaçada, a literatura não pode dissociar seus conteúdos da legitimação do gesto que os propõe; a obra só pode configurar um mundo se este for dilacerado pela remissão ao espaço que torna possível sua própria enunciação.

Seguindo as teorias de Maingueneau (2005), a paratopia, fenômeno relacionado ao fator espacial, pode ser classificada em: Paratopia de identidade (familiar, sexual e social) que se dá pela imagem marginalizada concernente ao lugar em que se encontra; Paratopia espacial, que se dá através do exílio; Paratopia temporal que possui característica anacrônica com relação ao contexto em que se encontra; e Paratopia linguística, que representa um distanciamento da língua materna e/ou uma hibridização de línguas.

Há, dentro do discurso literário, levando em conta as condições de enunciação, o que Maingueneau (2006) chama de embreagem paratópica que, semelhante à embreagem linguística, é formada de “elementos que participam simultaneamente do mundo representado pela obra e da situação paratópica através da qual se institui o autor que constrói esse mundo” (p. 121). A embreagem paratópica pode se desenvolver de diversas formas e requer, simultaneamente,

identificação e distanciamento, não estando relacionada somente a um elemento, mas a uma teia de relações com a qual esse elemento está envolvido.

Ressaltamos, também, que, seguindo o raciocínio desse fenômeno conflitante, porém essencial para o exercício da atividade literária que é a paratopia e conforme delinea a conjuntura sócio-histórica, a mulher representa uma figura de alto nível de paratopia, pois “não é a mulher essa vítima de ordem social, que não tem realmente um lugar na sociedade, mas tem o poder de despertar para o ideal?” (MAINGUENEAU, 2005, p. 176). As mulheres, ao longo da história, foram postas à margem da sociedade e tiveram que lutar por direitos sonegados, ao mesmo tempo em que eram sujeitadas a se adequarem aos padrões impostos por essa mesma sociedade. Diversos conflitos minados de tal condição as tornaram seres paradoxais, como argumenta Scott (2002, p. 18, 19 e 28):

A aceitação e recusa simultâneas punham a nu as contradições e omissões nas definições de gênero (...). Seus [das mulheres] argumentos eram paradoxais, isto é, a fim de protestar contra várias formas de segregação que lhes eram impostas, as mulheres tinham de agir em seu próprio nome, invocando, dessa forma, a mesma diferença que procuravam negar.

Com base no exposto, trataremos da produção discursiva de Virginia Woolf, mulher e escritora, em seu ensaio *Um teto todo seu*, tendo como enfoque as relações paradoxais que estabelece com a sua obra, identificando e observando os aspectos e fatores que contribuem para caracterização dos elementos paratópicos fundamentais para a realização criativa da escritora.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa possui caráter qualitativo e interpretativo. Na realização desse trabalho lançamos mão de uma pesquisa bibliográfica e interpretativa que se apoia nas contribuições teóricas de Galinari, Maingueneau e Mello, que nos ajudaram a endossar a análise dos elementos paratópicos identificados no discurso literário do ensaio *Um teto todo seu* (1985), da escritora inglesa Virginia Woolf.

Após a apreensão de fatos da biografia da autora, concretizamos a análise dos dados coletados na leitura da obra. Selecionamos os trechos que indicavam convergência com as teorias pesquisadas buscando caracterizar as relações paradoxais edificadas no discurso literário da obra por meio da identificação dos elementos paratópicos presentes no discurso literário da escritora, bem como as classificações dos mesmos dentro da embreagem paratópica.

#### 4 ANÁLISE DAS RELAÇÕES PARATÓPICAS EM *UM TETO TODO SEU*

A escritora inglesa Virginia Woolf (1882-1941), segundo Lemasson (2011), é conhecida pela fama de autora de escrita difícil, pois exercia o método de escrita baseado no fluxo da consciência iniciado pelo escritor inglês James Joyce, e também pela sua fama de “louca”, originada das crises esquizofrênicas que a cercaram ao longo de sua vida. Entretanto, o que precisamos compreender é que Woolf é considerada uma das maiores romancistas da sua época, influenciando os movimentos feministas dos anos seguintes, sendo, até hoje, referência para os estudos sobre gênero e literatura.

O ensaio *Um teto todo seu* é resultado da reunião de duas palestras proferidas por Woolf em Newnham, no ano de 1928. Nele, a autora trata de discutir questões acerca da relação entre mulher e ficção, observando os fatores que intervêm na condição sócio-histórica da mulher e sempre atrasaram a emancipação profissional feminina até o início do século XX. O título do ensaio faz referência à reivindicação, da autora, por um espaço na casa e na sociedade para que a mulher possa desenvolver-se intelectual e exercer o direito de desempenhar uma profissão. Desta forma, nos deteremos no episódio ficcional sobre como teria sido a vida da “irmã talentosa de Shakespeare”, Judith. Essa narrativa ficcional é estruturada pela autora, dentro deste ensaio, para exemplificar a condição da mulher na época de Shakespeare e explorar as implicações de tal condição em seu tempo e em tempos futuros.

##### 4.1 Análise da paratopia de identidade social

Ao estruturar seu discurso literário no ensaio em questão, a escritora formula uma narrativa ficcional que conta a história de vida de uma irmã de Shakespeare, chamada Judith, que, dotada dos mesmos dons do irmão, é levada, naturalmente, a desempenhar tais dons. No entanto, em tal contexto, a autora explora os presumíveis empecilhos que impossibilitariam o exercício de profissões alvejadas por Judith.

Assim, Virginia, com essa narrativa, inicia a construção do discurso paradoxal em torno da condição social da mulher que se refletirá nas bases de desencadeamento da essencial liberdade profissional feminina. Nesse sentido, a paratopia da autora é visualizada no âmbito social, já que Virginia nos revelará a sua própria situação paradoxal através da representação de Judith, marginalizada perante a sociedade por ser uma mulher e exercer a profissão de escritora, negligenciando as suas “verdadeiras funções” sociais.

Enquanto isso, sua extraordinariamente bem dotada irmã, suponhamos, permanecia em casa. Era tão audaciosa, tão imaginativa, tão ansiosa por ver o mundo quanto ele (Shakespeare). Mas não foi mandada à escola. Não teve oportunidade de aprender gramática e lógica, quanto menos ler Horácio e Virgílio. Pegava um livro de vez em quando, talvez algum do irmão, e lia algumas páginas. Mas nessas ocasiões, os pais entravam e lhe diziam que fosse remendar as meias ou cuidar do guisado e que não andasse no mundo da lua com livros e papéis. (WOOLF, 1985, p. 62 e 63)

O trecho acima aborda um dos primeiros paradoxos da vida dessa mulher que, ainda criança, é incentivada a priorizar, em detrimento das atividades implicadoras para sua formação escolar e perspectiva profissional, as atividades que a tornariam uma boa esposa. Enquanto seu irmão Shakespeare gozava de total liberdade, tendo abertas possibilidades para um desenvolvimento intelectual e profissional, Judith sequer teve a oportunidade de frequentar a escola.

Esse discurso baseia a paratopia da autora com relação ao paradoxo entre o interesse em obter uma educação formal, como os homens, e o conformismo de adquirir, em casa, habilidades de uma futura esposa eficiente, pois ela não teve a chance de frequentar a escola, muito ansiada por Virginia quando criança, enquanto seus irmãos gozavam de tal privilégio. Isso se deve às funções impostas às mulheres há milênios, atreladas ao casamento e constituição familiar, como foi também para Judith que “antes de entrar na casa dos vinte anos deveria ficar noiva do filho de um negociante de lã da vizinhança” (WOOLF, 1985, 63).

Judith não aceita casar-se e foge de casa impulsionada pelo seu latente talento que a guiará até onde ela possa manifestá-lo. Assim, ela chega a um teatro, mas é advertida pelo gerente que “nenhuma mulher, disse ele, tinha qualquer possibilidade de ser atriz” (WOOLF, 1985, 63). Sem perspectivas profissionais, porém muito bela, a irmã talentosa de Shakespeare acaba nos braços de um empresário:

Judith viu-se grávida desse cavalheiro e então – quem pode medir o fogo e a violência do coração do poeta quando capturado e enredado num corpo de mulher? – matou-se numa noite de inverno, e está enterrada em alguma encruzilhada onde agora param os ônibus em frente ao Elephant and Castle. (WOOLF, 1985, 64)

A irmã de Shakespeare é a representação marginalizada da mulher da época do referido autor como também da autora que transparece, através do seu discurso literário, a identificação social com essa mulher. Virgínia, mesmo não indo à escola e universidade, demonstra um grande

domínio de conhecimentos graças aos seus estudos espontâneos e solitários na biblioteca de seu pai. O contexto da época impõe limitações à liberdade individual e à independência e realização profissional da autora, sufocando-a e isolando-a num mundo no qual se sentia extremamente incompreendida.

Mesmo casando sob pressão social e familiar, Virginia encontra no esposo o editor de seus livros e usufrui de boas fases de produção intelectual. No entanto, a escritora, durante sua existência, enfrenta várias crises mentais que, unidas às pressões geradas pelas expectativas sociais relacionadas ao seu gênero, conduzem-na ao suicídio em 1941. Assim, podemos perceber que alguns dos paradoxos que oprimiram a irmã de Shakespeare no século XVI ainda pressionaram a autora na virada do século XIX para o século XX.

Virginia não tinha liberdade para ser a mulher que queria ser. Ela estava cansada de atender às expectativas da sociedade que não a via com “bons olhos”, a mesma que a recriminava e a taxava de “louca”, não lhe dando o espaço para livremente traçar os seus caminhos. Esses fatores, juntamente com os problemas psicológicos que a torturavam desde criança, certamente poderiam contribuir para ruir a sanidade e tornar a vida um fardo muito pesado, como a autora afirma sobre Judith:

(...) qualquer mulher nascida com um grande talento no século XVI teria certamente enlouquecido, se matado com um tiro, ou terminado seus dias em algum chalé isolado, fora da idade, meio bruxa, meio feiticeira, temida e ridicularizada. (WOOLF, 1985, 65)

Além da caracterização desta relação paratópica de identidade social, que mostra a identificação da autora com a representação da irmã de Shakespeare como uma mulher que enfrentava paradoxos por carregar o peso da igual genialidade de um homem, identificamos, também, a sufocante falta de espaço que é tão exigida às mulheres pela autora no presente ensaio. Esse aspecto fundamentará a nossa análise da paratopia temporal caracterizada no discurso literário da autora realizada na próxima sessão.

#### **4.2 Análise da paratopia temporal**

Na tessitura da narrativa do episódio ficcional a respeito da vida abreviada de uma irmã de Shakespeare dotada de genialidade, Woolf sustenta seu discurso da impossibilidade de realização social e profissional da mulher do século XVI nos aspectos relativos ao contexto e à época, o que nos remete ao paradoxo de tempo em que se encontra essa mulher, permitindo

concatenar esse discurso com a relação de paratopia temporal que a autora certamente estabeleceu com esse episódio e com a obra como um todo:

Pois não é preciso muito conhecimento de psicologia para se ter certeza de que uma jovem altamente dotada que tentasse usar sua veia poética teria sido tão contrariada e impedida pelas outras pessoas, tão torturada e dilacerada pelos próprios instintos conflitantes, que teria decerto perdido a saúde física e mental. (WOOLF, 1985, p. 65)

A conjuntura sócio-histórica do século XVI fez com que Judith se sentisse uma mulher deslocada em seu tempo; esse paradoxo temporal levou ao paradoxo da própria vida no qual a existência não teria sentido se não por meio da satisfação de ser o que se desejasse ser, de ter a liberdade de dar sentido à própria existência da forma que escolher e de maneira justa e igualitária, já que, aqui, os direitos de Judith são limitados em oposição ao alargamento dos privilégios concedidos aos homens, representado na figura de seu irmão Shakespeare. Desta forma, “levar uma vida livre na Londres do século XVI teria significado, para uma mulher que fosse poetisa e dramaturga, um colapso nervoso e um dilema que bem poderiam matá-la”. (WOOLF, 1985, p. 66)

O discurso da autora nos revela os aspectos paradoxais que mostram o mundo de Judith como conflituoso, pois a irmã de Shakespeare não teria chances de realização quando inserida na sociedade do século XVI, dentro desse contexto e desse tempo. Assim, a impossível resolução para a contradição do desejo de ser o que não comporta o seu tempo, ou seja, de ser uma mulher que nasceu no tempo errado, que está à frente de seu tempo, especifica a paratopia da autora estabelecida com a ficcional história da irmã de Shakespeare:

A mulher, portanto, que nascesse com a veia poética no século XVI seria uma mulher infeliz, uma mulher em conflito consigo mesma. Todas as condições de sua vida e todos os seus próprios instintos conflitavam com a disposição de ânimo necessária para libertar tudo o que há no cérebro. (WOOLF, 1985, p. 148)

Os conflitos paradoxais também desnortearam a vida de Virginia que via na escrita uma forma de satisfação plena, embora sempre perseguida por desconfortos psicológicos. Woolf sempre enfrentou, em sua época, na virada do século XIX para o século XX, as contradições que tentaram podar seu comportamento, limitar os seus passos e frear o seu desenvolvimento intelectual. Porém, o que a torna uma mulher especialmente à frente de sua época é a forma como enxerga a condição da mulher em seu tempo, ansiando mudanças, ou até prevenendo-as:

Além disso, dentro de cem anos, pensei, alcançando a porta de casa, as mulheres terão deixado de ser o sexo protegido. Logicamente, participarão de todas as atividades e esforços que no passado lhes foram negados. [...] Se vivermos aproximadamente mais um século e tivermos, cada uma, quinhentas libras por ano e o próprio quarto; se tivermos o hábito da liberdade e a coragem de escrever exatamente o que pensamos; [...] então a oportunidade surgirá, e a poetisa morta que foi a irmã de Shakespeare assumirá o corpo que com tanta frequência deitou por terra. Extraíndo sua vida das vidas das desconhecidas que foram suas precursoras, como antes fez seu irmão, ela nascerá. (WOOLF, 1985, p. 54 e 148)

Ao final do ensaio e enfocando novamente a história de Judith, Virginia nos revela que a irmã de Shakespeare nasce em cada uma das mulheres do século XXI, pois, na visão da autora, terão autonomia e liberdade para exercer atividades e tomar decisões que implicam no seu desenvolvimento social e intelectual, além de receber uma remuneração suficiente para se manterem. Judith, dessa forma, ainda vive nos corpos das mulheres que, de uma forma ou de outra, usufruem de uma liberdade, mesmo que limitada, para serem responsáveis pelos rumos de suas próprias vidas:

Pois bem, minha crença é de que essa poetisa que nunca escreveu uma palavra e foi enterrada numa encruzilhada ainda vive. Ela vive em vocês e em mim, e em muitas outras mulheres que não estão aqui esta noite, porque estão lavando a louça e pondo os filhos para dormir. Mas ela vive; pois os grandes poetas nunca morrem, são presenças contínuas, precisam apenas da oportunidade de andar entre nós em carne e osso. Essa oportunidade, segundo penso, começa agora a ficar ao alcance de vocês conferir-lhe. (WOOLF, 1985, p. 67)

O fragmento acima nos impele a percebermos que a aspiração da autora de uma transcendência temporal é a base para a concretização de sua paratopia temporal, pois ao mesmo tempo em que a autora evoca um tempo propício, ajustado no futuro, sugere a própria transcendência como a única forma de existência satisfatória. Woolf considera que a pouca liberdade de seu tempo pode levar a uma liberdade satisfatória futura da qual ela não desfrutará, mas acredita estar dentro de um processo que possibilitará benefícios às mulheres, principalmente na questão profissional, pelos quais acha valoroso lutar e se sacrificar:

Extraíndo sua vida das vidas das desconhecidas que foram suas precursoras, como antes fez seu irmão, ela nascerá. Quanto a ela chegar sem essa preparação, sem esse esforço de nossa parte, sem essa certeza de que, quando nascer novamente, achará possível viver e escrever sua poesia, isso não podemos esperar, pois seria impossível. Mas afirmo que ela viria se trabalhássemos por ela, e que trabalhar assim, mesmo na pobreza e na obscuridade, vale a pena. (WOOLF, 1985, p. 148 e 149)

Os paradoxos, portanto, sempre fizeram parte da vida de Virginia e constituíram a identidade dessa autora que, quando jovem e órfã de mãe, esteve entre a sede do conhecimento e a proibição de ir à escola, cedendo às ordens do pai; quando mulher, esteve entre a pressão para casar e a cobiçada liberdade sexual e profissional, cedendo à pressão do casamento. Mesmo vigiada e controlada por conta de suas crises mentais, sendo alvo constante do crivo dos olhos da sociedade que a julgava, Virginia usufruiu da rara liberdade de escrever e através do importante legado de sua escrita compreendemos os seus esforços para organizar seus pensamentos que influenciaram a posteridade, tornando-se uma escritora à frente de seu tempo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação ficcional da irmã de Shakespeare, Judith, aponta-nos paradoxos enfrentados por mulheres há séculos e corrobora a identificação da autora Virginia Woolf com as contradições de uma mente genial, que não encontra satisfação senão através da escrita, com o impossível encaixe num mundo e contexto aos quais não se reconhece de forma identitária e em um tempo ao qual não pertence, evocando, assim, a transcendência temporal para uma existência satisfatória. As oportunidades raras aproveitadas por Virginia para continuar escrevendo e desfrutar de certa liberdade, bem como o seu intenso desejo por mudanças no âmbito social e profissional referentes às mulheres, a tornam uma mulher à frente de seu tempo e possibilita a concretização da relação paratópica com sua obra.

Concluimos, assim, que a autora Virginia Woolf estabelece, com a obra em questão, uma forte relação paratópica de identidade social arquitetada através de discursos acerca das representações de Judith, a irmã talentosa de Shakespeare, que revelam a condição social e intelectual marginalizada da autora, bem como da representação da mulher como um todo, e, também, uma intensa relação paratópica temporal fundada em aspectos discursivos que definem a autora como uma mulher singular na sua produção discursiva literária em *Um teto todo seu*.

## REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Érica Patrícia Barros de; MOURA, João Benvindo de. Análise do discurso literário: a paratopia do autor Abdias Neves no romance *Um manicava*. In: MOURA, João Benvindo de; BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; LOPES, Maraisa (Org.). **Discurso, memória e inclusão social**. Pipa Comunicação: Recife, 2015.

ASSUNÇÃO, Érica Patrícia Barros de; MOURA, João Benvindo de. O discurso literário na obra *Júlio César*, de Shakespeare: disputa de sentidos num jogo de imagens. In: MOURA, João Benvindo de; BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; LOPES, Maraisa (Org.). **Sentidos em disputa: discursos em funcionamento**. EDUFPI: Teresina, 2017.

GALINARI, Melliandro Mendes. A autoria do discurso literário. In: MELLO, Renato de. **Análise do Discurso & Literatura**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

LEMASSON, Alexandra. **Virginia Woolf**. Tradução: Ilana Heinberg. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. São Paulo: Contexto, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. O discurso literário contra a literatura. In: MELLO, Renato de. **Análise do Discurso & Literatura**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MELLO, Renato de. Análise do Discurso & Literatura: uma interface real. In: MELLO, Renato de. **Análise do Discurso & Literatura**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

PERY-BORISSOV, Valeria. Paratopie et entretien littéraire : Andreï Makine et Nancy Huston ou l'écrivain exilé dans le champ littéraire. In.: **Argumentation & Analyse du Discours**. Revue électronique du groupe ADARR. n.12, 2014. Disponível em: <http://aad.revues.org/1629> - Acesso em 24 set.2015.

SCOTT, Joan Wallach. **A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos dos homens**. Tradução: Élvio Antônio Funck. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

#### **ÉRICA PATRÍCIA BARROS DE ASSUNÇÃO**

Graduada em Letras Português, Inglês e Francês pela UFPI. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso – NEPAD. Possui experiência em ensino de língua inglesa e portuguesa para alunos da educação básica e ensino de inglês e francês instrumental em cursos de extensão. Atualmente é Mestranda em Letras - Estudos da Linguagem, na Linha de Pesquisa “Linguagem e Discurso: Análise e Variação”, UFPI. E-mail: [ericapba@yahoo.com.br](mailto:ericapba@yahoo.com.br)

#### **JOÃO BENVINDO DE MOURA**

Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG (2012) com mestrado, especialização e graduação em Letras pela UFPI. Docente Permanente da Graduação e Pós-Graduação em Letras da UFPI e consultor do CEBRASPE/UnB. Editor das revistas Form@re e Ininga. Fundador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso – NEPAD. Atualmente é pós-doutorando em Análise do Discurso pela UFMG. E-mail: [jbenvindo@ufpi.edu.br](mailto:jbenvindo@ufpi.edu.br)

Enviado em 10/04/2017.

Recebido em 30/05/2017.